

Em Ribeirão Preto, até a recessão é outra

Empresários bem-sucedidos culpam lobby pela crise

Lia Carneiro

RIBEIRÃO PRETO, SP — A crise chegou à região mais rica do país. Mas lá, até crise é diferente. A que começa a incomodar a conhecida *Califórnia brasileira*, na região nordeste do estado de São Paulo, onde 80 municípios movimentaram em 1989 um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 17 bilhões, encontra empresários que, em vez de queixas e pânico, tratam de mostrar que consideram a situação "suportável" — para usar o adjetivo que o presidente Fernando Collor escolheu para 1991. Para cidades como Ribeirão Preto, Bebedouro, Franca, Orlândia, Sertãozinho, Barretos, Olímpia, Pradópolis, Serrana, São Carlos e Araraquara, uma queda de 21% na massa total de salário pagos, 65 mil desempregados, e o faturamento do comércio desabando 20%, são indicadores que forçam a economia regional a desacelerar o motor, mas ninguém pensa em pisar no freio. Na verdade, a expectativa diante da recessão é parecida com a fama do chope do Pingüim, o mais badalado da região: suave e de colarinho curto.

"Estamos vivendo uma crise, mas nada tão grave que se possa enxergar nuvens pretas ou cinzentas como andam falando por aí", acredita o diretor-presidente da Companhia Antarctica, Roberto Gusmão, empresa que conta com 1.100 funcionários na fábrica de Ribeirão Preto e uma produção mensal de 1,3 milhão de dúzias de cerveja. "A sinistrose vem de São Paulo, Rio de Janeiro e, principalmente, de Brasília." Gusmão, que foi ministro da Indústria e do Comércio no governo Sarney, ressalta que, na verdade, há muito medo, embora não faltem dados preocupantes: insatisfação social (instalada em Ribeirão desde 1916, a Antártica enfrentou, há 15 dias, a sua primeira greve, onde os funcionários conquistaram um aumento real de 60%); início de desemprego e vendas paradas, principalmente para os grandes atacadistas de produtos e o setor de autopeças. "Sem falar do agricultor, sem dinheiro e sem preços reais, e da agroindústria, que está sofrendo com a depressão dos preços internacionais", acrescenta Gusmão.

Galinhas — A análise de Gusmão coincide com a do diretor do Instituto de Economia da Associação Comercial de Ribeirão Preto, Anto-



Roberto Gusmão, presidente da Antarctica, está tranqüilo ante a crise

nio Vicente Golfeto, há 25 anos no cargo e dono de um respeitável banco de dados sobre os principais municípios da região — mais um sucesso local diante de um país absolutamente pobre em estatísticas. "Da desaceleração que vivemos, 70% são explicados pela queda dos preços internacionais que, apenas no caso da laranja, significou uma perda de US\$ 200 milhões", afirma Golfeto, lembrando que esta perda significa quase 40% dos US\$ 510 milhões que escorrerão pelos dedos da economia local em 1990 (o PIB regional deverá cair 3%). Os outros 30% são o resultado de uma desaceleração, e não recessão, do mercado interno. "O que existe é um lobby muito forte para que a recessão aconteça. E os empresários estão agindo como acontece em um caminhão cheio de galinhas: enquanto ele está andando, tudo bem, mas bastou encostar, e as galinhas já fazem aquela barulheira toda."

A desaceleração, de acordo com os dados de Golfeto, foi puxada principalmente pela política irreal dos preços agrícolas. Com exceção do arroz, cujo preço para o produtor subiu nos últimos 12 meses, até novembro, 3.400%, contra uma inflação que, segundo o Índice de Preços ao Consu-

midor (IPC), acumula 2.359,45%, há queda para todos os demais produtos da região, responsável por 6% do PIB agrícola do país — algodão (-59%), cana-de-açúcar (-55,23%), feijão (-42,50%), café beneficiado (-35,38%), soja (-33,95%), milho e amendoim (-10,50%).

"Se a região dependesse só da agricultura, estaríamos numa situação delicada", analisa Golfeto, ressaltando que a receita do sucesso da *Califórnia brasileira* é a distribuição equilibrada das atividades (primário, 33%; secundário, 32%; e terciário, 35%). E mais: as mesmas estatísticas que acusam o PIB regional caindo de US\$ 17 bilhões para US\$ 16,5 bilhões, dizem que nos números da economia informal ele sobe de US\$ 18 bilhões para US\$ 22 bilhões.

Sobrevivência — Com uma forte concentração de renda, onde os dados de 1980 mostram que as classes A e B representavam 19% da população (hoje, 23%), a classe C, 50% (hoje, 47%) e as classes D, E e F, 31% (hoje, 33%), dos 3 milhões de habitantes da região, os que mais estão sofrendo com a desaceleração são, como sempre, os mais pobres. "Agora, a classe média também está sendo penalizada. É preciso que se faça uma

política mais humana, diminuindo as diferenças, até mesmo para a sobrevivência dos ricos", alerta Roberto Gusmão. O impacto sobre a classe média aparece em dados sigilosos de um grande fabricante de cigarros: enquanto cresce o consumo das marcas mais caras e das mais populares, as vendas das intermediárias estão desabando.

Em novembro, 15 mil pessoas da região perderam seus empregos, elevando o estoque de desempregados nos últimos 12 meses para 65 mil (a População Economicamente Ativa da região é de 1,25 milhão). Quem mais demitiu foi a indústria (7.000), especialmente as metalúrgicas da cidade de Sertãozinho (5.500). Como maior produtor de açúcar e álcool da região, Sertãozinho também é dona da maior renda por habitante, US\$ 8.500 (nas outras cidades a média é de US\$ 5.500). A agricultura e a agroindústria dispensaram 3.000 trabalhadores e a construção civil, 2.500. Os dados mostram que o setor de construção civil, que movimenta US\$ 2 bilhões na região, deverá encerrar o ano com uma queda em torno de 3% (-8% nas obras particulares e positivos 12% nas obras públicas).

Contradições — No final, a massa de salário pagos recuou de US\$ 400 milhões em janeiro para US\$ 360 milhões em novembro. E o salário médio de novembro é Cr\$ 31 mil no setor privado e de Cr\$ 162 mil no setor público — a diferença de 5,23 vezes quebra o recorde de 4 vezes, no final do governo Sarney. "Tem gente que foi atingida rapidamente, se desesperou e mandou os funcionários embora", explica o dono da indústria gráfica Mario Barillari, Walter Barillari. "Cada caso é um caso. Nós vamos faturar mais este ano porque a demanda só caiu agora em novembro. E não demitimos ninguém", diz. "Vamos fechar o ano com uma queda de 25%. Tivemos que reduzir os custos da empresa e fomos obrigados a demitir", justifica o presidente da Laguna Comércio e Indústria, José Arnaldo Laguna, que atua no setor de autopeças e também é presidente da Associação Comercial de Ribeirão Preto.

"A culpa é da laranja", garante o superintendente do Ribeirão Shopping, Luiz Estanislau Medici, que prevê uma queda em torno de 6% nas vendas dos 140 lojistas do shopping. "Quem tem bom preço e mercadoria boa está vendendo", afirma o dono da Paraíso das Sedas, Raul Dibb, há 53 anos no comércio de Ribeirão Preto. "Só estão sendo vendidas mercadorias de pequeno valor", explica Golfeto, informando que os setores mais maltratados são o moveleiro (-45% até novembro) e o de materiais de construção (-35%).

Águas de março — Apesar do número de títulos protestados por falta de pagamento ter crescido 206% em novembro, em relação a novembro de 1989, das concordatas terem saltado de três para 16 e da rede bancária estar com um montante de US\$ 260 milhões de títulos vendidos em fase de negociação (dados do dia 10 de dezembro), a região continua atraindo novas empresas. "Em novembro, nosso movimento cresceu 60% em relação ao mesmo mês de 1989", garante o dono da Agenda Prestação de Serviços, Osvaldo Nolato, lembrando que o número de falências da região caiu de 230 no ano passado para 180 nos dez primeiros meses de 1990. "Temos uma crise, mas também não temos." Na dúvida, como o primeiro trimestre do ano nunca foi parâmetro para nada (férias e carnaval), Roberto Gusmão acredita que uma melhor definição sobre a situação da *Califórnia brasileira* só surgirá em março. "É melhor esperar para ver como serão as águas de março", sugere Gusmão que, particularmente, aposta na recuperação da economia.